



ISSN: 2595-5713
Vol. 2 | N°. 3 | Ano 2019

Nelsa João Nhantumbo

A VARIAÇÃO MORFÉMICA EM CICUPI: UM PASSEIO PELA MARCA DE NEGAÇÃO

MORPHEMIC VARIATION IN CICUPI: A WALK THROUGH THE NEGATION MARK

RESUMO: Em Moçambique as línguas bantu coabitam com outras como o Português e outras línguas europeias e asiáticas. Para o presente estudo propomo-nos analisar umas das línguas bantu faladas no Sul de Moçambique, concretamente nas províncias de Gaza e Inhambane. Falamos do Cicopi, que é codificada como S63 na classificação de Guthrie (1967-71). Neste estudo, propomo-nos analisar a morfologia da marca de negação em Cicopi, olhando especificamente para: o morfema que marca a negação; a variação morfémica que ocorre na marca de negação nos diferentes tempos verbais (passado, presente e futuro) e a posição que o morfema de negação toma na estrutura morfológica do verbo em Cicopi. Socorrendo-nos da teoria de morfologia e fonologia lexical analisaremos construções recolhidas de estudantes de ensino de línguas bantu da Universidade Eduardo Mondlane através da combinação de métodos introspectivo, entrevista e filológico.

Palavras-Chave: Morfemas; Negação; Tempo verbal.

ABSTRACT: In Mozambique there are many bantu languages cohabiting with another like Portuguese e other Europeans and Asiatic languages. For the present paper we propose to analyze one of the bantu languages spoken in South of Mozambique, exactly in Gaza and Inhambane's provinces. We are talking about Cicopi, which is encoded as S63, according to Guthrie's classification (1967-71). In this paper, we propose to analyze the morphology of the negation's mark in Cicopi, where the specific objectives are: to identify de negation mark; to verify the morphemic variation that occur in the negation mark, in different verbal times, past, present and future. Based on morphology and lexical phonology theory, we propose to analyze sentences collected from students of Eduardo Mondlane University.

Key words: Morphemes; Negation; Verbal Times.

Site/Contato

Editor

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

A VARIAÇÃO MORFÉMICA EM CICOPI: UM PASSEIO PELA MARCA DE NEGAÇÃO

Nelsa João Nhantumbo¹

Introdução

Em Moçambique a preocupação pelo estudo das línguas bantu tem-se notabilizado através de estudos visando alcançar resultados académicos como os de (CHIMUZU, 2002; DACALA, 1994; LANGA, 2001 e NGUNGA, 1987), mestrado (KATUPHA, 1983; LIPHOLA 1988; NGUNGA, 1988; BERNARDO, 2017; RAZÃO, 2017), doutoramento (KATUPHA, 1991; LANGA, 2013; NGUNGA, 1997; SITOIE, 2001 e outros) quer visando divulgar resultados científicos tais como Ngunga (2000, 2004), Siteo (1996; 2001).

Na esteira dos esforços com vista ao desenvolvimento das línguas bantu em Moçambique, o nosso trabalho pretende debruçar-se sobre uma dessas línguas, o Copi, mais concretamente sobre a morfologia e a fonologia da mesma, incidindo-se sobre um dos aspectos da gramática que é a marca de negação nos diferentes tempos verbais.

A língua Copi (S63 na classificação de Guthrie 1967-71) é falada a sul de Moçambique, nas províncias de Gaza e Inhambane. Segundo Ngunga e Faquir (2011) esta língua é falada principalmente nos seguintes distritos e localidades: Província de Gaza: Manjacaze, Chidenguele e Chongoene; Província de Inhambane: Zavala, Inharrime e Homoíne.

Nesta língua são faladas diferentes variantes assim distribuídas: **Cindonje** – Inharrime (província de Inhambane); **Cilenge** - Chidenguele, Nhamavila e parte de Chongoene (Província de Gaza); **Citonga** – Mavila, Quissico, Guilundo até ao limite de Jangamo (Província de Inhambane); **Cicopi** – de Mavila à Madendere (Gaza); **Cilambwe** – junto do lago Quissico (Inhambane) e na parte oriental de Chidenguele (Gaza); **Cikhambani** – Homoíne, parte dos distritos de Panda (Inhambane), Manjacaze e Chibuto (Gaza).

Para o presente trabalho a variante em estudo será **Cicopi** que, conforme foi acima apresentada, é falada entre as povoações de Mavila e Madendere (Gaza). Isto pelo facto de o nosso informante ser natural de Chidenguele, localidade de Madendere.

O presente trabalho visa debruçar-se sobre a variação morfé mica da marca de negação na língua copi, na busca de uma compreensão do que ocorre em torno da marca de negação ao longo da construção de frases negativas, nos diferentes tempos verbais. De forma sucinta, os

objetivos do trabalho são: **Objetivo Geral:** Descrever a variação morféica da marca de negação na língua Copi; **Objetivos específicos:** Para alcançar o objetivo geral preconiza-se como objetivos específicos os seguintes: Identificar a estrutura morfológica do verbo em copi; Identificar os morfemas que marcam a negação em copi; Descrever os processos morfofonológicos que ocorrem na estrutura do verbo envolvendo os morfemas de negação.

Em termos metodológicos, na recolha de dados serão usados três métodos:

- a) O da entrevista, que consiste na gravação dos dados em fita magnética e posterior transcrição dos mesmos para constituir o *corpus* que mais tarde será analisado neste trabalho;
- b) O filológico que consiste na recolha de material disponível a nível da secção de bantu da UEM e a consulta a outros autores como Dos Santos (1941);
- c) O de introspecção, pois a língua em estudo é língua materna da autora do presente trabalho.

Após a recolha de dados o corpus será organizado com base na transcrição que posteriormente serão analisados. Para a pesquisa propôs-se a seguinte questão de partida: Que morfemas marcam a negação em Cicopi e que posições ocupam, os mesmos, na estrutura do verbo? O principal problema a ser abordado neste trabalho é a compreensão da estrutura morfológica do verbo, conjugado em diferentes tempos verbais, em Copi, em geral e em particular a compreensão dos processos fonológicos decorrentes dessas conjugações e combinações de verbos com alguns morfemas como as marcas de negação. Há necessidade de melhor compreender quais os morfemas que marcam a negação na língua copi.

Face o problema acima apresentado e após uma observação preliminar dos dados, pode-se colocar as seguintes hipóteses: **a.** Em Copi, a negação é marcada por diferentes morfemas, nos diferentes tempos verbais, em diferentes posições da estrutura morfológica da forma verbal; **b.** Em Copi, a negação é marcada por diferentes morfemas, nos diferentes tempos verbais, nas mesmas posições da estrutura morfológica da forma verbal.

Para o desenvolvimento do trabalho é usada a teoria da fonologia e morfologia lexical (KIPARSKY, 1982; 1985). Esta teoria assume que as regras fonológicas são aplicadas a diferentes níveis na gramática, a nível lexical (a nível da palavra) e a nível pós-lexical (a nível do sintagma ou da frase). A teoria pressupõe ainda que os processos morfológicos estão interligados a processos fonológicos.

Katamba e Stonham (2006), afirmam que existe uma relação entre as regras que definem a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas responsáveis pela maneira como

¹ Professora da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Departamento de Línguas. email: nelsanhantumbo@gmail.com

uma palavra é pronunciada. Todas essas regras serão encontradas no léxico e organizadas, hierarquicamente, em níveis.

A pesquisa inicia fazendo uma breve revisão da literatura onde se apresenta alguns conceitos e estudos que norteiam o trabalho. Seguida discute-se a marca de negação em Copi e a complexidade da gramática da língua. Depois faz-se uma descrição e análise dos dados que culmina com a conclusão. A pesquisa termina apresentando as referências. Posto isto, passa-se à revisão bibliográfica.

Debates conceituais da gramática do Copi

Este artigo dedica-se ao estudo dos pontos de vista de alguns autores sobre a morfologia, a morfologia verbal, a fonologia e a negação nas línguas bantu e em Copi, incluindo os conceitos operatórios usados nos estudos sobre esta matéria ou matérias afins. Dos vários conceitos que aqui se abordam destacam-se os de verbo, morfologia, morfema. Sendo a fonologia uma das áreas particularmente privilegiada deste estudo, a discussão deste conceito reveste-se também de grande importância.

Um dos conceitos importantes neste trabalho, como foi referido na subsecção anterior, é o da fonologia que é definida por Katamba (1989, p. 1) como “o ramo da linguística que estuda os meios pelos quais os sons da fala são usados sistematicamente para formar palavras ou enunciados”. Katamba considera ainda que para se entender a fonologia é importante que se tenha uma noção dos conceitos básicos da fonética que é definida pelo mesmo autor como “o estudo do inventário de todos os sons da fala que o homem é capaz de produzir”. (KATAMBA, 1989, p.1).

Hyman (1975), por sua vez, define fonologia como “o estudo dos sistemas de som da língua, isto é, o estudo de como os sons da fala se estruturam e funcionam nas línguas”. Como podemos notar há uma grande convergência em termos de definição dada pelos dois autores, o que nos leva a constatar que a fonologia se preocupa com o papel dos sons na “transmissão de mensagens entre os membros de uma comunidade linguística”. Ngunga (2002, p. 25) sem se preocupar pela forma como cada utente da língua produz os diferentes sons, mas como tentativa de sintetizar num único símbolo as diferentes formas de realização de um mesmo som pelos diferentes usuários da língua.

Ligada à fonologia está a fonética que também estuda os sons da fala como fenómenos físicos sem se preocupar com o seu significado (NGUNGA, 2002). A fonologia, tal como foi visto, contrariamente à fonética, não se preocupa com os sons como fenómenos físicos apenas,

preocupa-se também com a sua estrutura, as regras que regem a combinação no sistema e a sua função na comunicação (NGUNGA, 2004).

São estas e outras preocupações da fonologia que nos vão permitir analisar de uma forma minuciosa a variação do morfema do passado recente na língua copí. Mas antes disso teremos de passar em revista alguns conceitos que são fundamentais no entender do objetivo do trabalho.

Morfologia verbal

A morfologia, segundo Ngunga (2004), pode ser definida como sendo o estudo dos morfemas, das regras que regem a sua combinação na formação da palavra, e da sua função no sintagma e na frase. De acordo com o mesmo autor, o morfema é definido como sendo a menor unidade da língua portadora de sentido, na hierarquia da palavra.

Gleason (1961, p. 85), por sua vez define morfema como grupo de um ou mais alomorfes que obedecem a certos critérios de distribuição e significado, definíveis em geral, com bastante clareza. Os morfemas podem ser livres ou presos. Os morfemas livres são aqueles que não podem ocorrer senão na condição de estarem ligados a outro(s) e os presos são aqueles aos quais são afixados os chamados livres (NGUNGA, 2000).

Normalmente, consideram-se os morfemas livres como sendo lexicais por neles residir a informação lexical da palavra, e os presos são considerados gramaticais porque se usam para marcar informações gramaticais como: tempo, número, aspecto, sujeito, classe, etc.

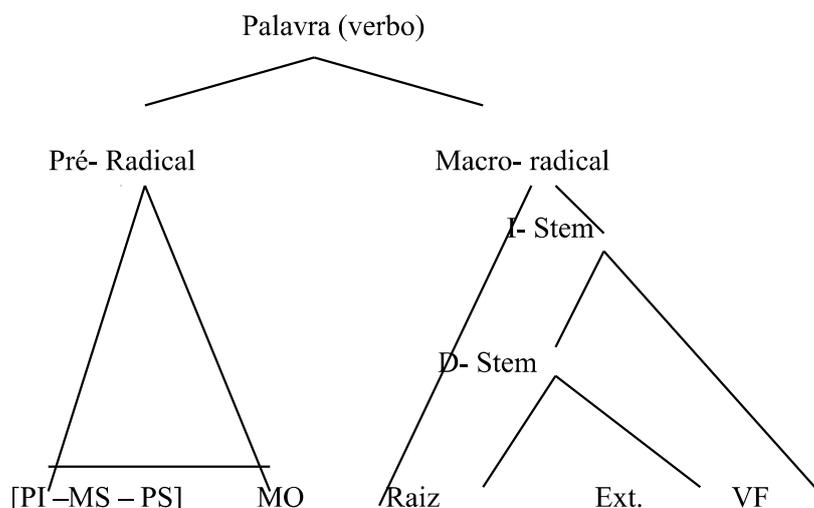
(1)	Cicopi	
a.	<i>kudya</i>	‘comer’
b.	<i>Nidyite</i>	‘comi’
c.	<i>m’pawu</i>	‘mandioca’
d.	<i>mipawu</i>	‘mandiocas’

Nos exemplos acima, as informações lexicais de “comer” e “mandioca” estão contidas nos morfemas **-dy-** e **-paw-**. Nos restantes morfemas, que são também designados afixos, está contida a informação gramatical de pessoa, número, tempo, etc. Os morfemas podem ser radicais, sufixos, prefixos ou infixos dependendo da sua localização na palavra.

O verbo, tal como o nome, conforme ilustra os exemplos (4 a e b) é também constituído por morfemas. De acordo com Dacala (1994), as línguas bantu pertencem ao grupo das línguas aglutinantes² dentro das quais a palavra é geralmente formada por afixação de morfemas ou afixos presos a outros morfemas (os radicais) que constituem os núcleos das palavras. Nas

² São línguas cujas palavras são constituídas por mais do que um morfema, mas as fronteiras entre os morfemas são sempre *clear-cut* (Comrie 1981, 1989)

línguas bantu, o verbo é uma das unidades linguísticas que evidencia o carácter aglutinante. De acordo com Ngunga (2000) o verbo nas línguas bantu apresenta a seguinte estrutura:



Esquema 1: *Estrutura do verbo nas línguas bantu*

Onde: I- Stem	radical não flexionado
D- Stem	radical derivacional
PI	pré-inicial
MS	marca de sujeito
PS	pós -sujeito
MO	marca de objeto
Ext.	extensão
VF	vogal final

De salientar que o PI e PS incluem as marcas de tempo, aspecto, modo e negação.

De um modo geral, podemos dizer que o verbo é constituído pelos seguintes elementos:

Raiz – não inclui nenhum afixo;

Bauer (1988) citado por Ngunga (2004), define raiz verbal como sendo a parte da palavra que se mantém inalterada quando todos os afixos flexionais ou derivacionais forem retirados, como ilustram os seguintes exemplos:

- (2) Copi
- dy-** ‘comer’
 - wom-** ‘secar’
 - won-** ‘ver’

Os exemplos acima mostram as raízes verbais onde não estão adicionados quaisquer afixos flexionais ou derivacionais.

Base – inclui a raiz mais a vogal final;

- (3) Copi
- | | |
|-------------------|---------|
| a. <i>ku-dya</i> | ‘comer’ |
| b. <i>ku-woma</i> | ‘secar’ |
| c. <i>ku-wona</i> | ‘ver’ |

Nos exemplos em (3) tem-se a base do verbo (destacados a negrito). Como se pode notar, relativamente à raiz, a base carrega consigo a vogal final.

Radical –é a parte que contém a informação básica e inclui afixos derivacionais e não flexionais;

- (4) Copi
- | | |
|------------------------|----------------------------|
| a. <i>ku-dyis-a</i> | ‘fazer comer’ |
| b. <i>ku-womisis-a</i> | ‘fazer secar várias vezes’ |
| c. <i>ku-wonel-a</i> | ‘ver por alguém’ |

Em (4) apresentam-se radicais verbais contendo afixos derivacionais, também designados radicais extensos, pois apresentam na sua estrutura as chamadas extensões verbais (os morfemas **-is-**, **-isis-** e **-el-**). Estes morfemas modificam a informação semântica do verbo. Mas pode-se ter também radicais simples/ não extensos, tal como se apresentam nos exemplos em (2).

Sobre as extensões pode-se ver os exemplos em (4). As extensões são morfemas que se adicionam ao radical simples ou extenso e modificando-lhe a semântica, morfologia e ainda as relações de transitividade. Em (4a) tem-se a extensão **-is-**, causativa. Em (b) tem-se a extensão **-isis-**, frequentativa e em (c) tem-se a extensão **-el-**, aplicativa. Depois de descrita a morfologia verbal, passa-se à análise dos dados

A Marca de negação em Copi

Uma das características da língua copi, tal como muitas línguas bantu é o carácter aglutinante das palavras. O verbo como núcleo das frases verbais não foge à regra da aglutinação. Quanto à polaridade, as frases podem ser classificadas em afirmativa, quando a mensagem transmitida transporta consigo afirmações positivas; ou em negativa quando a afirmação é negativa.

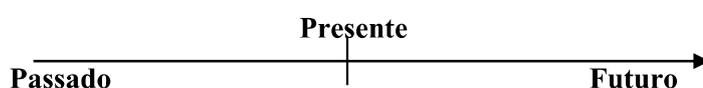
Segundo Ngunga (2004), geralmente as frases afirmativas (positivas) não são marcadas, marcando-se as negativas, podendo esta marcação vir ou não acoplada à forma verbal (dependendo da língua). Para o caso da língua copi, a cópula é uma das estratégias de marcação da negação. A marca de negação será encontrada na conjugação do verbo, pois esta mesma conjugação varia segundo a função lógica (afirmação ou negação) e segundo a sua função

sintática. O Copi procura exprimir não tanto o tempo (presente, passado ou futuro) em que a ação expressa pelo verbo se realiza, tal como faz a língua portuguesa, mas antes de tudo, o facto e o modo como ela se realizou, realiza, realizará ou não.

Tempo Presente

Comrie (1985) considera que o tempo pode ser representado como uma linha reta, em que o passado é representado convencionalmente à esquerda e o futuro à direita, tomando como foco central o presente, como ilustra o esquema abaixo:

Esquema 1: Representação do tempo.



Tendo em conta a representação do tempo proposta por Comrie (1985), considerando os três tempos é importante referir que em Copi, o presente é também empregue para exprimir o momento atual em que o sujeito realiza a ação, embora possamos exprimir o momento atual sem ser necessariamente o da realização da ação.

Forma afirmativa

(5) Copi: forma afirmativa:

- | | | | | |
|----|---------------|----------------------------------|-----------|--------------------------------------|
| a. | | <i>Ani nodya dipawa</i> | | ‘eu estou a comer pão’ |
| | i. <i>ni-</i> | <i>o -</i> | <i>dy</i> | <i>- a</i> |
| | MSujeito1PS | MTempoPres Fact | comer | VF |
| b. | | <i>Mariya (ene) ody a m'pawu</i> | | ‘A Maria/ ela está a comer mandioca’ |
| | i. <i>a</i> | <i>o -</i> | <i>dy</i> | <i>- a</i> |
| | MSujeito2PS | MTempoPres Fact | comer | VF |
| c. | | <i>Ani nadya dipawa</i> | | ‘eu como pão’ |
| | i. <i>ni</i> | <i>a -</i> | <i>dy</i> | <i>- a</i> |
| | MSujeito1PS | MTempoPres Hab | comer | VF |
| d. | | <i>Mariya wadya m'pawu</i> | | ‘A Maria come mandioca’ |
| | i. <i>a</i> | <i>a -</i> | <i>dy</i> | <i>- a</i> |
| | MSujeito2PS | MTempoPres Hab | comer | VF |

Os exemplos acima revelam as diferentes realizações das ações em relação ao tempo atual, embora apresentem ligeiras diferenças. Em (5a, b) a forma verbal indica a realização das ações em tempo atual coincidindo com o tempo de realização das mesmas na forma afirmativa, enquanto em (5c, d), embora a forma verbal indique a realização do tempo atual, aquela já não

coincide com o tempo de realização da ação, há sim uma ideia de hábito que é transmitida pela forma verbal.

Portanto, em (5a, b) estamos perante um presente factual e em (5c, d) presente habitual, concluindo-se assim que o tempo presente se subdivide em dois de acordo com a forma como a ação é encarada. Se como completa ou como processo, ainda por factual/ habitual.

Na forma afirmativa:

O presente factual é marcado pelo morfema **-o-**, seguindo imediatamente a marca do sujeito e precedendo o radical. A aplicação desta marca resulta imediatamente na aplicação de uma **regra fonológica** para a resolução de hiato, e a regra aplicada é da **elisão**. Neste caso é elidida a vogal da marca do sujeito 1ª pessoa do singular “**ni**”, tal como se pode observar no exemplo em (5a, i). O mesmo se pode observar em (5b, i), em que o verbo se encontra conjugado na 3ª pessoa gramatical, onde a marca do sujeito “**a**” ao se encontrar com a marca de tempo **-o-** é elidida.

O presente habitual é marcado pelo morfema **-a-**, realizado na mesma posição que o morfema do presente perfectivo, tal como se observa em (5c).

À semelhança do que acontece no presente factual, no presente habitual a aplicação da marca do tempo **-a-** resulta na aplicação de uma **regra fonológica** que é também a **elisão**. E é elidida a marca a vogal que marca o sujeito (1ª pessoa gramatical) da frase.

O mesmo não sucede quando se trata da 3ª pessoa gramatical, conforme ilustra o exemplo em (5d, i), onde a marca do sujeito “**a**” sofreu uma **semivocalização**.

Forma Negativa

(6) Copi: forma negativa

a. *Ani nikaadyi dipawa*

1ps 1ms-MN-comer-Vf 5pão

‘eu não estou a comer pão’

i. /ni -	ka-	o -	dy	- i/	
MSujeito	MNegação	MTempo	comer		VF

b. *Mariya akaadyi m'pawu*

1Maria 2Ms-MN-comer-Vf 3mandioca

‘A Maria não está a comer mandioca’

i. /a-	ka-	o -	dy	- i/	
MSujeito	MNegação	MTempo	comer		VF

b. *Ani nikadyi dipawa*

1ps 1ms-MN-comer-Vf 5pão

‘eu não como pão’

i. /ni	-	ka -	dy	- i/	
--------	---	------	----	------	--

MSujeito MNegação comer VF

Olhando para as formas negativas nota-se que, no presente factual (exemplos 6 a e b), quando se afixa a marca da negação **-ka-** a vogal torna-se longa. A vogal que marca o presente factual **-o-** é elidida e a fonologia da língua decide pelo **alongamento compensatório**, alongando-se assim a vogal da marca de negação.

No presente habitual (6c) a negação é também marcada pelo morfema **-ka-**, mas diferente do presente factual, o presente habitual não alonga a vogal, há pelo contrário um **apagamento** da vogal e este apagamento é que vai mostrar a distinção entre o presente habitual e o factual.

Note-se que tanto no presente factual quanto no habitual, a vogal final muda para **-i** o que de leva a concluir que essa vogal seja parte do morfema de negação. Assim, pode-se afirmar que a negação, no tempo presente é marcada pelo morfema descontínuo **-ka...-i**.

Este morfema de negação, morfologicamente, é colocado após à marca de sujeito e antes da marca de tempo.

Tempo futuro

Um outro tempo representado por Comrie (1985) é o futuro que significa colocação da situação depois do momento atual. Tal como no presente, a negação também recai sobre uma ação futura.

Em Copi este tempo, futuro, também se subdivide:

(7) Copi

- | | | | |
|----|--|----------------------|--------------|
| a. | <i>Ani</i> | <i>ninadya</i> | <i>ndiwo</i> |
| | eu | 1MS-MT-comer-VF | 3comida |
| | ‘eu comerei a comida’ | | |
| b. | <i>Ani</i> | <i>ninambidya</i> | <i>ndiwo</i> |
| | eu | 1MS-MT-MN-comer-VF | 3comida |
| | ‘eu não comerei a comida’ | | |
| c. | <i>Ani</i> | <i>ninatadya</i> | <i>ndiwo</i> |
| | eu | 1MS-MT-comer- VF | 3comida |
| | ‘eu comerei a comida (amanhã, próximo mês, próximo ano, etc.)’ | | |
| d. | <i>Ani</i> | <i>ninambitadya</i> | <i>ndiwo</i> |
| | eu | MS-MT-MN-MT-comer-VF | comida |

‘eu não comerei a comida (mais tarde)’

Os exemplos em (7) revelam a realização das ações depois do momento atual todavia, essa mesma realização pode ser feita em dois momentos. O primeiro momento, correspondente aos exemplos marcados em (7a e b), representa a colocação da ação num momento imediatamente próximo ao momento actual, enquanto em (7c e d) há uma distância na realização das ações em relação ao momento atual. Trata-se, portanto, dos futuros próximo e distante respectivamente.

O futuro próximo é marcado pelo morfema **-na-**, seguindo a marca do sujeito e antecedendo o radical (7a), enquanto o futuro distante, para além do morfema **-na-**, marca de tempo, apresenta ainda na sua estrutura interna o morfema **-ta-** (7c). Portanto a marca de tempo futuro distante é o morfema **-na-ta**. Neste tempo a marca de negação altera, esta forma é marcada pelo morfema **-mbi-**, como ilustram os exemplos (7b) e (7d). que se posiciona entre os morfemas de TA **-na-** e **-ta-**. Portanto, os morfemas de tempo/aspecto dissociam-se para dar lugar ao morfema de negação.

Tempo passado

O passado, à semelhança dos outros tempos verbais, em Cicopi, subdivide-se de acordo com o momento da ação. Vejamos os exemplos:

(8) a. *Ani nibhikile m'pawu.*

/ani ni-bhik-ile m'-pawu/

1ps 1MS-comer-MT 3-mandioca

‘eu cozinhei mandioca’

a'. *Ani niyabhika m'pawu*

/ani ni-ya-bhik-a m'-pawu/

/1ps 1MS-MN-comer-Vf 3-mandioca/

‘eu não cozinhei mandioca’

b. *Ani nitibhikile m'pawu.*

/ani ni-ti-bhik-ile m'pawu/

1ps 1MS-Asp-comer-MT 3-mandioca

‘eu tinha cozinhado mandioca’

b' *Ani nitisiyabhika m'pawu*

/ani ni-ti-si-ya-bhik-a m'pawu/
 1ps 1MS-Asp-MN-comer-Vf 3-mandioca
 'eu não tinha cozinhado mandioca'

c. *Ani nitibhika m'pawu.*

/ani ni-ti-bhik-a m'pawu/
 1ps 1MS-MT-comer-Vf 3-mandioca
 'eu cozinhava mandioca'

c'. *Ani nitisibhiki m'pawu*

/ani ni-ti-si-bhik-i m'pawu/
 1ps 1MS-MT-MN-comer-MN 3-mandioca
 'eu não cozinhava mandioca'

Note-se que nos exemplos acima ambos representam o mesmo tempo que é o passado, mas cada uma das formas do passado é expressa de forma diferente, conforme ilustram os verbos nos exemplos acima. No exemplo (8a) o verbo expresso o passado perfectivo, que é marcado pelo morfema **-ile**, marca do tempo e o morfema zero para o aspecto. Em (8b) também está expresso o passado recente imperfectivo, mas neste caso trata-se de uma acção remota em relação a anterior. O tempo neste caso é marcado por um morfema descontínuo **-ti...-ile**.

Em (8c) a acção expressa o passado imperfectivo e este é marcado pelo morfema **-ti-**.

Em relação à negação, neste tempo a negação não há único morfema. No passado perfectivo a negação é marcada pelo morfema **-ya-**, como se pode ver em (8a'), ocupando a posição adjacente ao radical verbal. Ainda no passado perfectivo, a negação pode ser marcada pelos morfemas **-si-ya-** (8b') quando a marcação do tempo é feita através do morfema **-ti-** (8b).

No passado imperfectivo, a negação é marcada pelo morfema descontínuo **-si...-i**, onde o morfema **-si-** ocupa a posição adjacente, à esquerda do radical e o morfema **-i** ocupa a posição final da forma verbal. Contrariamente ao presente, no passado a negação é marcada por diferentes morfemas. A variação morfé mica depende do aspecto verbal.

Conclusão

O objetivo deste trabalho era mostrar a variação morfé mica da marca de negação em Copi de um modo geral, e de forma específica analisar a estrutura morfológica do verbo na forma negativa, comparando-a com a forma afirmativa, em Copi, bem como as alterações morfofonológicas que essa mesma marca desencadeia nos diferentes tempos verbais.

Tal como se pôde observar nos breves exemplos, a marca de negação varia de acordo com o tempo verbal. Ou seja, em cada tempo verbal a negação é marcada por um morfema diverso.

No passado, a negação é marcada por três (3) morfemas, dependendo do aspecto; sendo o passado perfectivo marcado pelos morfemas **-ya-** e **-si-ya-** e o imperfetivo, pelo morfema descontínuo **-si-...-i**. No passado perfectivo a variação do morfema sera definido pelo morfema de tempo/aspecto a ser usado. Quando se usa o morfema **-ile**, a negação é marcada pelo morfema **-ya-** e quando ocorre a marca de tempo desaparece.

No presente, a negação é marcada pelo morfema descontínuo **-ka-...-i**. E no futuro pelo morfema **-mbi-**. Em qualquer um dos tempos verbais, o morfema que marca a negação ocupa a posição à esquerda do radical, estando adjacente ao radical. Nos casos em que o morfema é descontínuo, uma das partes ocupa a posição adjacente, à esquerda do radical e a outra a posição final.

Desta forma valida-se a hipótese segundo a qual em Copi, a negação é marcada por diferentes morfemas, em diferentes tempos verbais, nas mesmas posições da estrutura morfológica da forma verbal. À esta hipótese acrescentamos a particularidade dos morfemas descontínuos, em que uma das partes do morfema ocupa a posição final da forma verbal.

Um outro aspecto que ressalta referir é a pequena alteração que a estrutura da forma verbal sofre com a afixação do morfema de negação, em relação à forma afirmativa, em que a marca de tempo que antes ocupava a posição adjacente ao radical perde lugar a favor da marca de negação.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, M. **Análise fonológica da estrutura verbal do passado recente em Emakhuwa**. 78p. (Dissertação). Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2017.

SANTOS, J. C. dos. **Entre farinhadas, procissões e famílias: a vida de homens e mulheres escravos em Lagarto, Província de Sergipe (1850-1888)**. 180p. (Dissertação). Mestrado em História Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

CHIMUZU, A. **Reorganização do sistema de classes nominais em Makhuwa: O caso dos Nomes dos Animais**. 55p. Monografia (Licenciatura em Linguística) Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo: UEM. 2002.

COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology: syntax and morphology**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

- COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- DACALA, A. C. **Variações alomórficas no nome em Ciyao (Yao) e Cicopi (Copi)**. Monografia (Licenciatura em Linguística) Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo: UEM, 1994.
- DOS SANTOS, F. L. **Gramática da Língua Chope**. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1941.
- FIRMINO, G. **A questão linguística na África pós-colonial**. O caso do Português e das línguas autóctones em Moçambique. Maputo: Promédia, 2002.
- GLEASON Jr, A. **An introduction to descriptive linguistics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961.
- HYMAN, L. M. **Phonology: theory and analysis**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.
- KATAMBA, F. **An introduction to phonology**. London: Longman, 1989.
- KATUPHA, J. M. M. **Preliminary description of sentence structure in e-saaka dialect of e-Makhuwa**. Tese de Mestrado (não publicada). School of Oriental and African Studies. University of London, 1983.
- KATUPHA, J. M. M. **The grammar of Emakhuwa verbal extensions: An Investigation of the Role of the Extension Morphemes in the Derivational Verbal Morphology and in Grammatical Relations**. Tese de doutoramento (não publicada) SOAS. London: University of London, 1991.
- KIPARSKY, P. **Lexical morphology and phonology**. Linguistics in the Morning Calm. The Linguistics Society of Korea. Seoul, Hanshin Publishing Co, 1982.
- KIPARSKY, P. Some Consequences of Lexical Phonology. **Phonology Yearbook**. vol. 2. p.83-136, 1985.
- LANGA, D. **Reduplicação em Changana**. 69 p. Monografia (Licenciatura em Linguística) Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo: UEM, 2001.
- LANGA, D. **Morfofonologia do verbo em Changana**. Coleção: As Nossas Línguas. Maputo: Centro de Estudos Africanos. Universidade Eduardo Mondlane, 2013.
- LIPHOLA, M. M. **As Línguas Bantu de Moçambique: uma pequena abordagem do ponto de vista sócio-linguístico**. São Paulo: UNICAMP, 1988.
- NGUNGA, A. **A Lexical phonology and morphology of the Ciyao Verb Stem**. Berkeley: UMI, 1997.
- NGUNGA, A. **Phonology and morphology of the Ciyao Verb**. California: CSLI Publications. Leland Stanford University. 2000.
- NGUNGA, A. **Elementos da Gramática da Língua Yao**. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.
- NGUNGA, A. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

NGUNGA, A. & Faquir, O. (Org.) **Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário**. Maputo: CEA/UEM, 2011.

RAZÃO, J. J. **Implicações sintáticas da co-ocorrência das extensões causativa e passiva em Ciwutee**. 80 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras e Ciências Sociais Universidade Eduardo Mondlane, Maputo. 2017.

SITOE, B. **Dicionário de Changana-Português**. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1996.

SITOE, B. **Verbs of motion in Changana**. Lieden: CNWS-Leiden University, 2001.

Recebido em: 05/04/2019

Aprovado em: 30/06/2019